



Por uma dimensão política do sentido nas investigações do turismo: um diálogo entre Paul Ricoeur e Boaventura de Sousa Santos

For a political dimension of meaning in tourism research: a dialogue between Paul Ricoeur and Boaventura de Sousa Santos

Por una dimensión política del sentido en la investigación turística: un diálogo entre Paul Ricoeur y Boaventura de Sousa Santos

Dionísio de Almeida Brazo¹.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF).

Palavras-clave:

Turismo;
Sentido;
Tríplice mimese;
Tradução;
Hermenêutica.

Resumo

Este texto objetiva expor uma reflexão em desenvolvimento, apoiada na tríplice mimese, de Paul Ricoeur, e o processo de tradução, de Boaventura de Sousa Santos, como uma proposta teórico-metodológica às investigações de produção de sentido. Sendo o turismo um fenômeno complexo e em constante transformação, seguimos pelo campo da hermenêutica, entendendo que o discurso revela o conhecimento que o sujeito tem do mundo, em um ato narrativo compreendido pela prefiguração, configuração e refiguração. Combinamos, ao tempo de refiguração o processo de tradução – esse um procedimento interpretativo, que visa identificar as aporias, as aproximações e os distanciamentos das práticas, de modo a identificar as possibilidades e os limites de articulação para a criação de zonas de contato entre os diferentes discursos e saberes. Dessa forma, através do arco hermenêutico, buscamos demonstrar como as experiências produzidas no turismo podem ser ampliadas, se nos comprometermos em uma reconfiguração por meio da lógica da tradução.

Keywords:

Tourism;
Sense;
Triple mimesis;
Translation;
Hermeneutics

Abstract

This text aims to expose a reflection in development, supported by Paul Ricoeur's triple mimesis, and the translation process, by Boaventura de Sousa Santos, as a theoretical-methodological proposal for the investigation of meaning production. As tourism is a complex and constantly changing phenomenon, we follow the field of hermeneutics, understanding that the discourse reveals the subject's knowledge of the world, in a narrative act understood by prefiguring, configuring and refiguring. We combine the translation process with the refiguration time, which is an interpretative procedure, which aims to identify the aporias, the approximations and distances of the practices in order to identify the possibilities and limits of articulation for the creation of contact zones between the different discourses and knowledge. Thus, through the hermeneutic arc, we seek to demonstrate how the experiences produced in tourism can be expanded if we commit ourselves to a reconfiguration through the logic of translation.

Palabras clave:

Turismo;
Sentido;
Triple mimesis;
Traducción;
Hermenéutica.

Resumen

Este texto pretende exponer una reflexión en desarrollo, sustentada en la triple mimesis de Paul Ricoeur, y el proceso de traducción, de Boaventura de Sousa Santos, como propuesta teórico-metodológica para la investigación de la producción de sentido. Como el turismo es un fenómeno complejo y en constante cambio, seguimos el campo de la hermenéutica, entendiendo que el discurso revela el conocimiento del mundo por parte del sujeto, en un acto narrativo entendido prefigurando, configurando y reconfigurando. Combinamos el proceso de traducción con el tiempo de refiguración, que es un procedimiento interpretativo, que tiene como objetivo identificar las aporías, las aproximaciones y distancias de las prácticas con el fin de identificar las posibilidades y límites de articulación para la creación de zonas de contacto entre los diferentes discursos, y el conocimiento. Así, a través del arco hermenéutico, buscamos demostrar cómo las experiencias producidas en el turismo pueden expandirse si nos comprometemos con una reconfiguración a través de la lógica de la traducción.

Recebido em: 30/08/2020.

Aprovado em: 18/10/2020

Revisado por pares

e-ISSN: 2318-8561



Como citar APA: Brazo, D. A. (2021). Por uma dimensão política do sentido nas investigações do turismo: um diálogo entre Paul Ricoeur e Boaventura de Sousa Santos. *Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território*, Brasília, 9 (1), Jan./abr.. [10.26512/revistacenario.v9i1.34994](https://doi.org/10.26512/revistacenario.v9i1.34994)

Introdução

Pensar e desenvolver métodos teóricos para estudar o turismo é um processo árduo, uma vez que o campo encontra-se em pleno debate teórico-metodológico, propiciando aos pesquisadores, uma multiplicidade de caminhos a serem escolhidos. Nessa perspectiva, o presente ensaio destina-se a apresentar a teoria da narrativa, apoiada na tríplice mimese (prefiguração/mimese I, configuração/mimese II e refiguração/mimese III), de Paul Ricoeur (1994), atrelada à tradução de Boaventura de Sousa Santos (2002) – ambas inseridas no campo filosófico da hermenêutica –, em busca de uma interpretação ampliada das experiências dos turistas.

A hermenêutica, enquanto um campo filosófico, surge, inicialmente, da interpretação dos textos sagrados, mas ultrapassa esse objeto de estudo e a ideia estrita de texto, podendo ser aplicada à leitura da realidade. Dessa forma, partimos do pressuposto de que a realidade é capaz de produzir uma dinâmica textual representada pela linguagem, em que o seu significado, uma vez revelado, pode ser lido ou interpretado (Castañeda, 2015).

Compreendendo que o discurso revela o conhecimento que o sujeito tem do mundo, sua raiz está localizada na cultura. Conforme Ricoeur (1994), a cultura, juntamente com a linguagem e a lógica temporal, compõe o mundo prefigurado. Ou seja, esses elementos chegam para nós (leitores), pré-narrados, com os quais atuamos seguindo a circularidade hermenêutica proposta pela tríplice mimese. Sendo assim, o mundo prefigurativo nos antecede e só podemos ter contato por meio da memória. A experiência, revelada pelo discurso, se atualiza e renova mediante cada acesso ao passado, que reorienta o futuro em termos de projeção (refiguração).

Baseamo-nos na teoria da narrativa, de Paul Ricoeur (1994), para desvelar os sentidos e significados que os indivíduos atribuem à sua experiência turística. Como recurso para facilitar a compreensão dessa densa teoria, a combinamos à tríade proposta por Gilberto Velho (1994): memória – identidade – projeto.

De mesmo modo que Ricoeur (1994) dá centralidade à mimese II, colocando-a como mediadora entre a prefiguração e a refiguração, Gilberto Velho (1994) afirma que a identidade, ainda que seja uma construção no presente, requer a memória enquanto recurso – que nos possibilita visões retrospectivas (do passado) e prospectivas (do projeto). Segundo ambos os autores, um termo não existe sem o outro, o que nos permite elaborar o seguinte

esquema: prefiguração/retrospectiva/memória, configuração/tessitura/identidade e projeto/prospectiva/projeto.

Contudo, alerta-nos Gaxiola (2008), a hermenêutica, em sua dimensão metafísica, não se propõe a interferir na facticidade das coisas. Imbuídos da provocação feita pelo autor, em propor uma conversa entre a filosofia e as ciências sociais, compreende-se que:

Os saberes turísticos consistem na transmissão de aptidões e valores necessários para entender as categorias específicas do tempo livre de cada classe social, assim como os usos e funções e as características que adquire, em uma sociedade historicamente determinada. Eles são conhecimentos vinculados com a relação entre indivíduo, lazer, cultura e sociedade, relacionados com os deslocamentos, movimentos, recepção e localização de massas humanas em um espaço ou território específico, em um horário específico (pp. 203-204, tradução nossaⁱ).

Propomos, então, atrelar o conceito de tradução de Boaventura de Sousa Santos (2002), em busca da ampliação dos sentidos e significados da experiência turística no momento da mimese III, sendo esse o momento em que o texto encontra o mundo do leitor, produzindo os efeitos de sentido e reatualizando todo o arco hermenêutico de Ricoeur (1994). A tradução, enquanto um trabalho intelectual e político, se propõe a abrir diálogo com uma racionalidade cosmopolita, possibilitando captar os pensamentos distintos da racionalidade hegemônica e deslocando os dispositivos de poder.

Para o autor,

O trabalho de tradução incide tanto sobre os saberes como sobre as práticas (e os seus agentes). A tradução entre saberes assume a forma de uma hermenêutica diatópica. Consiste no trabalho de interpretação entre duas ou mais culturas com vista a identificar preocupações isomórficas entre elas e as diferentes respostas que fornecem para elas (pp. 262-263).

Acreditamos que esse exercício teórico-metodológico possa contribuir nas investigações do campo do turismo, que, ao desvelar experiências não hegemônicas, promova uma atualização teórica do campo, contemplando outros saberes e práticas, reduzindo a repetição de conceitos e teorias de outras realidades em relação à nossa.

Podemos pensar o turismo a partir das experiências

A produção do conhecimento turístico esteve durante muito tempo voltada para os aspectos práticos da atividade, com forte justificativa econômica e estudos voltados ao planejamento e gestão. Para Margarita Barretto (2003), o turismo precisa ser estudado de forma ampla, pois visões reducionistas, atreladas aos paradigmas econômicos, qualificam os turistas como carteiras ambulantes, e as dimensões antropológicas e ambientais podem gerar visões românticas, distorcidas das condições históricas.

Com o avanço das pesquisas, entendemos que o turismo é um fenômeno complexo e multifacetado da atividade humana, que reflete em diversos campos da vida social - política, meio ambiente, economia, cultura, lazer e outros. Pesquisadores de outras áreas têm contribuído para o estudo desse fenômeno com uma multiplicidade de visões e orientações.

Por conseguinte, como apontam Lohmann e Panosso (2012), a epistemologia torna-se importante, pois permite a revisão do conhecimento e critérios de aceitação dos estudos, uma vez que está relacionada às bases do saber. A raiz etimológica da palavra vem do grego em que *gnosis* significa conhecimento e ciência; e *logia*, estudo. Portanto, trata-se do estudo do conhecimento.

Em estudo posterior, Panosso e Nechar (2014), realizaram uma revisão das escolas epistemológicas com maior destaque no turismo, entre elas: positivista, sistêmica,

fenomenológica, marxista, teoria crítica e a hermenêutica. Refletir sobre as questões epistemológicas para guiar um trabalho no campo do turismo é uma tarefa árdua, diante da multiplicidade de abordagens desenvolvidas. No entanto, a hermenêutica nos parece um caminho apropriado para a pesquisa desenvolvida por nós.

Essa escola se estabelece como a arte da interpretação dos textos, mas não se restringe apenas ao sentido estrito do termo. Segundo Castañeda (2015, p. 587, tradução nossa),

[...] a realidade pode compartilhar a dinâmica textual à medida que o mundo é representado através da linguagem, que é a expressão que condensa o significado de todos os discursos que constituem uma comunidade. Assim, revelando o sentido do discurso se pode compreender a realidade do mesmo modo como se leria ou interpretaria qualquer textoⁱⁱ.

Nesse sentido, nos guiamos a partir das contribuições hermenêuticas de Paul Ricoeur e a tríplice mimese. Ricoeur é um filósofo pisciano francês, criado pelos avós em um ambiente marcado pela religião protestante de orientação calvinista, que durante toda a sua educação teve o hábito de ler a bíblia. Esse aspecto é importante, já que a religião sempre esteve presente no pensamento do filósofo – em especial em sua última etapa, a hermenêutica (Almeida, 2013).

A história intelectual do autor foi permeada por duas linhas teóricas, a fenomenologia e a hermenêutica, o que pode levar a diferentes considerações a respeito de seu pensamento, conforme o período utilizado para a análise. Brevemente, podemos apontar que essa passagem deve-se a reflexão sobre a experiência do mal, em que o filósofo percebeu que o método fenomenológico, sobretudo a fenomenologia da vontade, não dava conta de responder as suas inquietações – devido a sua posição neutra frente ao mal. Diante disso, encontra na hermenêutica a possibilidade de analisar o problema a partir da interpretação dos símbolos e dos mitos, com o objetivo de superar o vácuo entre a possibilidade e a realidade. Esse método ficou conhecido como a hermenêutica dos símbolos (Almeida, 2013).

Dessa forma, seguiremos explorando a obra *Tempo e Narrativa* (Tomo I), em que o filósofo busca estabelecer uma síntese para a diversidade temporal entre a experiência humana e a cronológica, indicando que a narrativa seria capaz de configurar e dar sentido a essa temporalidade. Para tal, faz uso dos estudos sobre a Aporia do Tempo, de Santo Agostinho, e da Poética, de Aristóteles, desenvolvendo de forma dialética a sua teoria da narrativa histórica.

Tríplice mimese: Prefiguração, Configuração e Refiguração

Ricoeur (1994) tenta superar a noção de tempo de Santo Agostinho, pois o tempo da alma e o da natureza são diferentes, discordantes. Por meio da tessitura da intriga (narrativa/texto) entrelaça os dois tempos, dando sentido; uma concordância. Mas, cabe afirmar, a busca por ela nunca se efetiva plenamente, já que os dois tempos são, essencialmente, discordantes – o que resulta em uma violência epistemológica/hermenêutica.

De tal modo, criar sentido sobre o turismo (e qualquer campo do saber) é, então, apagar e selecionar vozes que se apresentam como peripécias de um discurso. Tendo em vista que a ciência é permeada pela razão indolente (Santos, 2002), isto é, por um pensamento hegemônico, o trabalho de tradução visa ampliar as experiências dos indivíduos e trazê-las à tona, para se repensar as práticas e os saberes atrelados ao campo. Não basta interpretar o texto, é preciso um trabalho político de tradução. Esse debate será retomado ao final do ensaio.

Assim, retornando a Paul Ricoeur (1994, p. 85), a hipótese do autor é de que “[...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que

a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal”.

Para solucionar esse problema, o teórico estabelece o papel mediador da tessitura da intriga, no qual é a peça fundamental do ato narrativo, sendo a composição verbal que faz o texto transformar-se em narração (Barbosa, 2006). O autor centra a sua preocupação no desdobramento da relação intermediária da mimese II, entre a “montante” e a “jusante”, ao invés da construção da poética, como é tratada por Aristóteles (ainda que reconheça a sua importância). Realiza-se a supressão das peripécias mediante um trabalho de seleção e organização dos acontecimentos, a fim de criar uma lógica de começo, meio e fim. A intriga nada mais é do que o texto.

Expandindo a concepção aristotélica de mimese, Ricoeur (1994) apresenta três níveis da operação mimética que, juntas, formam o arco hermenêutico, na qual compõe a intriga: mimese I, mimese II e mimese III; que correspondem, respectivamente, ao tempo de prefiguração, configuração e refiguração – relação a qual veremos adiante combinada com as ideias de memória, identidade e projeto de Velho (1994).

Prefiguração: O mundo pré-narrado

A mimese I instaura o mundo da prefiguração, onde está enraizada a pré-compreensão do mundo e da ação. Nela articulam-se suas estruturas inteligíveis (linguagem), fontes simbólicas (cultura) e seu caráter temporal (lógica temporal) (Ricoeur, 1994). Em outros termos, precisamos ter em mente que o mundo já nos chega pré-narrado, operando com as suas lógicas próprias. O autor salienta que: “[q]ualquer que possa ser a força de inovação da composição poética no campo de nossa experiência temporal, a composição da intriga está enraizada numa pré-compreensão do mundo e da ação” (Ricoeur, 1994, p. 88).

Examinando os marcos da prefiguração, Souza e Moraes (2019) explicam que os traços estruturais estão relacionados às formas narrativas de determinadas sociedades, compreendendo as regras e a tradição narrativa. Esses são conceitos comuns partilhados socialmente que permitem a comunicação entre o autor e o receptor. As fontes simbólicas revelam-se por meio das manifestações próprias da cultura, como os mitos, crenças, valores, ética, moralidade. A composição da intriga, atrelada às fontes simbólicas, oferece as regras e a legibilidade à ação. Em relação aos marcos temporais, são aspectos “[...] implícitos às mediações simbólicas e revelam o intercâmbio entre as dimensões temporais do presente, passado e futuro em uma estrutura de intratemporalidade, pressupondo o ser no tempo” (Souza & Moraes, 2019, p. 74).

O turismo é uma das atividades de lazer realizadas pelos indivíduos; é um parágrafo inscrito no texto vivido de cada pessoa. Por isso, deveria ser configurado e reconfigurado a partir das experiências sentidas por esses mesmos sujeitos. Contudo, essas experiências precisam ser percebidas dentro de um campo de forças, como Bourdieu (1989) nos lembra, em que todos nós estamos inseridos. Precisamos, portanto, compreender como a força hegemônica, operada dentro dos mais diversos setores que conformam a atividade turística, empobrece a experiência, uma vez que esse mundo (turístico) já chega pré-narrado ao indivíduo e jogamos com ele em um movimento de sedimentação e inovação.

Nesse sentido, conceber o turismo, enquanto um objeto narrativo, é compreendê-lo no jogo de força da inovação e sedimentação, que opera sobre um mundo previamente conhecido e, como tal, só podemos ter acesso por meio da memóriaⁱⁱⁱ. Para Velho (1994), a memória é um indicador básico do passado, que produziu as circunstâncias do presente e serão usadas para elaborar projetos, uma vez que esse é o instrumento de negociação com a realidade, servindo como comunicação entre os indivíduos, articulando o que se deseja tornar público. Essas duas categorias são fundamentais para criar a identidade, por intermédio da sua articulação é atribuído significado à vida.

Essa ideia é partilhada por Pollak (1992), que afirma: a memória e a identidade são disputadas de acordo com o que se quer projetar para si e para os outros, revelando o caráter dinâmico e seletivo da memória. Portanto, a memória é sempre uma demanda do tempo presente, que busca, no passado, elementos para a construção discursiva do presente, que podem ser ancorados em personagens, lugares e acontecimentos.

Se a memória permite evocar ideias pré-existentes para a construção de um projeto, antecipando o futuro (para realizar a reconfiguração), não seria incoerente afirmar que a repetição serve para fixar conceitos. Por exemplo, a ideia de que o turismo é uma atividade essencialmente econômica, servindo para o desenvolvimento e crescimento do país nesse aspecto, quando, na verdade, são omitidas as desigualdades na distribuição dos recursos, a desvalorização do patrimônio cultural e natural (Araújo & Godoy, 2016). Os sentidos de alguns são silenciados dentro dessa narrativa.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória estrutura-se de forma coletiva, apoiada em pontos de referência. Assim, não existiria uma memória inteiramente individual, porém coletiva, compartilhada entre os indivíduos na sociedade. Tal compartilhamento serve como testemunhos, pelos quais podem reforçar, debilitar ou completar informações sobre eventos. Para Pollak (1989), Halbwachs acentua as concepções positivas da memória coletiva, na qual serve como um indicador de coesão social realizada, por meio de uma adesão afetiva, deixando de ver as disputas e forças no processo de construção da memória.

Nessa perspectiva, podemos afirmar, como Pollak (1989, 1992), que há um trabalho de *enquadramento da memória* no turismo, seleciona-se o que será lembrado e esquecido.

Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (Pollak, 1989, p. 10).

Ainda que o poder instituído sobre a memória do turismo seja forte, está sempre em disputa. A cada rearranjo, há uma oportunidade para escrever uma nova história. Apenas para continuar a linha de raciocínio, é possível perceber isso na ampliação da contribuição das ciências sociais ao campo do turismo, na década de 1980, que representou uma certa ruptura do paradigma econômico na área (Barretto, 2003).

A memória enquadrada é uma chave para estudarmos como as memórias coletivas se constroem, contudo a partir de outra perspectiva; de baixo para cima. Uma perspectiva que nos permite operar sobre as contradições, mostrando a insuficiência de uma razão indolente em explicar o nosso mundo. O trabalho de reconstrução da ciência do turismo possibilita rever quais são os limites de operação dentro de uma lógica racional hegemônica.

Devemos, então, controlar as distorções, gerir melhor a memória para que chegue menos pré-construída possível, expõe Pollak (1992). Com esse intuito, devemos incorporar outras vozes ao debate. A diversidade expande as experiências no presente (Santos, 2002), tornando-o sempre mais dinâmico e móvel.

Configuração: A mediação entre a prefiguração e refiguração

O ato narrativo passa, então, para a mimese II (identidade/configuração), que, por intervenção da tessitura da intriga (texto), funciona como mediadora entre a prefiguração (vivido temporal/memória/retrospectiva) e a refiguração (narrado articulado/projeto/prospectiva), instaurando o reino do “como-se”. Esse é o momento em que a narrativa tem a função de dar concordância ao tempo vivido para criar o seu efeito de sentido na mimese III.

A mimese II é mediadora por três motivos: interliga acontecimentos e uma história considerada como um todo, sintetizando a pluralidade de episódios em uma única história; “[...] a tessitura da intriga compõe juntos fatores tão heterogêneos quanto agentes, fins, meios, interações, circunstâncias, resultados inesperados etc” (Ricoeur, 1994, p. 103) e pelos caracteres temporais próprios os quais permitem que a intriga seja chamada de síntese do heterogêneo, aspecto não abordado por Aristóteles. São eles que dão o sentido ao conceito de concordância-discordância, pois envolve duas dimensões: o aspecto episódico da narrativa e a capacidade configurativa da intriga em transformar os acontecimentos em história. Com isso, o ato de tecer a intriga traça um caminho para que o sentido seja alcançado pelo leitor ao dar sentido à sucessão de episódios, que separados não significariam nada.

A identidade revela-se como uma produção discursiva, simbólica e imersa a um campo de disputa e negociação (Oliveira, 2015).

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (Pollak, 1992, p. 205).

Esse contexto nos permite afirmar que a identidade é construída, também, a partir do outro. Da sua dinâmica relacional com as outras pessoas, outros discursos, é que o seu sentido é percebido. Com isso, nos cabe pensar como Enne (2004), quando afirma que a relação da memória e da identidade pode surgir em uma rede de agentes e agências sociais, como uma realidade em eterna construção e desconstrução.

Nesse jogo de construção das identidades, que se revelam nas pesquisas desenvolvidas no campo do turismo, a Ordem Científica, para resgatarmos as contribuições sobre a Ordem do Discurso de Foucault (2014), e seus engendramentos possuem um papel fundamental.

De acordo com as reflexões epistemológicas de Boaventura de Sousa Santos (2002), a racionalidade hegemônica produzida pelo Ocidente tem duas formas fundacionais: a razão metonímica e a razão proléptica. A primeira, caracterizada pela ideia de totalidade, resulta em duas consequências principais: (1) se algo está fora da totalidade, não merece atenção; (2) as partes devem ser pensadas em relação à totalidade. A leitura que se concebe do mundo, a partir da razão metonímica, além de ser parcial, é extremamente seletiva e trabalha na forma de dualidades: ocidente/oriente, conhecimento científico/conhecimento tradicional etc. Enquanto a razão proléptica concebe o futuro a partir da monocultura do tempo linear, esvaziando as possibilidades. Nas palavras de Santos (2002, p. 254), “contrair o futuro consiste em eliminar ou, pelo menos, atenuar a discrepância entre a concepção do futuro da sociedade e a concepção do futuro dos indivíduos”.

Essas duas faces da razão indolente resultam em uma série de monoculturas que produzem uma lógica de não-existência, são elas: (1) do saber e do rigor do saber, o mais poderoso dos cinco modos de produção da não-existência, pois tudo o que a Ordem, ou o cânone, como afirma Santos (2002), não reconhece é declarado inexistente; (2) do tempo linear, que declara atrasado tudo o que não segue a norma temporal (algo que nas sociedades modernas contemporâneas se caracteriza pela noção linear do futuro). Pensar, então, a noção de futuro a partir dos antepassados/ancestrais, poderia ser caracterizado como algo atrasado e sem importância científica; (3) lógica da classificação social: “De acordo com esta lógica, a não-existência é produzida sob a forma de inferioridade insuperável porque natural. Quem é inferior, porque é insuperavelmente inferior, não pode ser uma alternativa

credível a quem é superior.” (Santos, 2002, p. 248); (4) lógica da escala dominante, que aprisiona as realidades ou entidades locais dentro de uma lógica global, em que são desacreditadas enquanto uma alternativa para um outro futuro; (5) a lógica produtivista em que entende, o crescimento econômico como um objetivo racional inquestionável, mesmo que se paute na exploração do homem e da natureza, produzindo a não-existência sobre a forma do improdutivo – seja na concepção de uma natureza estéril ou na preguiça e desqualificação profissional, quando aplicada ao trabalho.

Essas cinco formas de produção da não-existência (ignorante, residual, inferior, local e improdutivo) resultam em uma subtração do mundo, que contrai o presente ao desperdiçar experiências conformadoras de outro modo de vivenciá-lo, mas que são vistas como obstáculos para as realidades tidas como importantes. Para essas ausências, Santos (2002) responde com presença, aspecto a ser retomado nas duas próximas partes.

Refiguração: O mundo do leitor e a produção de sentido

A mimese III é o horizonte, aonde o texto quer chegar, ou seja, no mundo do receptor. Segundo Ricoeur (1994, p. 110), a mimese III “[...] marca a interseção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou leitor”, onde o texto produz sentido. No processo de refiguração, também, ocorre a atualização da mimese II, como apontam Souza e Moraes (2019, p. 75),

[o] processo de refiguração, no qual está a mimese III, reinventa a intriga por meio de sua própria compreensão. Ou seja, por meio do entendimento do texto configurado, o leitor constrói sua identidade – em contraste com a dos outros –, estabelece reconhecimentos e compara situações para elaborar uma visão de si mesmo, do mundo e do outro, acrescentando algo de sua identidade à ‘nova’ intriga.

O ato mimético (tríplice mimese) permite visualizar e compreender o processo de constituição do turismo. Podemos afirmar que esses planos miméticos abrangem o plano cotidiano (prefiguração), pelo qual se constitui em um tempo construído (configuração), e em construção (projeto), que passa para o plano de leitura (refiguração) e releitura (refiguração). A dialética operada nessa relação, entre o poder de inovação e a sedimentação da tradição, dá margem a decodificação da narrativa turística, na medida em que compartilha algo para além de si mesma. Nesse sentido, é preciso distinguir a noção de sentido e referência:

[o] que um leitor recebe é não somente o sentido da obra, mas por meio de seu sentido, sua referência, ou seja, a experiência que ela faz chegar à linguagem e, em última análise, o mundo e sua temporalidade, que ela exhibe diante de si (Ricoeur, 1994, p. 120).

Desse modo, Ricoeur (1994) deixa evidente, então, que o autor do texto, através do sentido, revela a sua referência, as prefigurações do mundo em que está situado. É um jogo de negociação entre a memória e o que se quer projetar para além de si mesmo. Nesse caso, Velho (1994) indica que o projeto se alinha à memória na constituição da identidade, tornando-se o elemento negociador da realidade – dado que funciona como um meio de comunicação sobre o que apresentar ao mundo e de que maneira.

Situar a ideia do projeto no contexto da mimese III de Ricoeur (1994), significa localizar o momento em que o texto, neste caso relacionado com a identidade, encontra o mundo do leitor ou ouvinte, onde cria seu sentido. Esse é o último momento da tríplice mimese cunhado pelo autor, mas vale ressaltar que a articulação da ideia de projeto se constrói como uma antecipação do futuro, uma vez que, para a análise de Paul Ricoeur (1994), o tempo só existe enquanto tempo presente que, articulado pela narrativa no presente, trabalha a sua distensão-extensão. O projeto caracteriza-se como um “vir-a-ser” na qual desenha a ideia de espiral entre as mimeses, pois ao entrar em contato com o leitor a sua construção muda, o que significa acionar novas memórias, reconstruindo um novo projeto.

Processo de tradução

Com as contribuições de Ricoeur, podemos perceber que a experiência, contida na interpretação dos textos de vida, são frutos de uma experiência no mundo em que o autor tece de forma a dar uma coerência para obter determinado sentido e significado. Segundo Boaventura de Sousa Santos (2002), as experiências, que podemos captar através do processo de interpretação, são empobrecidas, visto que estão guiadas por uma razão indolente. Para o teórico,

[a] indolência da razão criticada neste ensaio ocorre em quatro formas diferentes: a razão impotente, aquela que não se exerce porque pensa que nada pode fazer contra uma necessidade concebida como exterior a ela própria; a razão arrogante, que não sente necessidade de exercer-se porque se imagina incondicionalmente livre e, por conseguinte, livre da necessidade de demonstrar a sua própria liberdade; a razão metonímica, que se reivindica como a única forma de racionalidade e, por conseguinte, não se aplica a descobrir outros tipos de racionalidade ou, se o faz, fá-lo apenas para as tornar em matéria-prima; e a razão proléptica, que não se aplica a pensar o futuro, porque julga que sabe tudo a respeito dele e o concebe como uma superação linear, automática e infinita do presente (pp. 239-240).

Sua reflexão é, então, uma resposta crítica ao que chama de razão indolente, pautado em Leibniz, sendo essa a racionalidade hegemônica, e propõe um outro modelo, a razão cosmopolita. Sendo assim, são três os pontos pelos quais Boaventura parte para a sua reflexão: (1) a compreensão de mundo é muito mais ampla do que a compreensão ocidental de mundo; (2) “[...] a compreensão do mundo e a forma como ela cria e legitima o poder social tem muito que ver com concepções do tempo e da temporalidade” (Santos, 2002, p. 239) e, por último; (3) a característica mais fundamental é que a concepção da racionalidade ocidental contrai o presente e expande o futuro.

A contração do presente, ocasionada por uma peculiar concepção da totalidade, transformou o presente num instante fugidio, entrincheirado entre o passado e o futuro. Do mesmo modo, a concepção linear do tempo e a planificação da história permitiram expandir o futuro indefinidamente. Quanto mais amplo o futuro, mais radiosas eram as expectativas confrontadas com as experiências do presente (Santos, 2002, p. 239).

Diante disso, a racionalidade cosmopolita tem como função operar de forma inversa, isto é, expandindo o presente e contraindo o futuro para, então, criar-se o espaço-tempo necessário para a valorização da experiência social. Esse trabalho é realizado pela sociologia das ausências (expansão do presente) e pela sociologia das emergências (contração do futuro), possibilitando apresentar as experiências disponíveis no mundo para que outras mais sejam possíveis no futuro.

Assim, revelam-se uma multiplicidade e uma diversidade que são operadas em cinco domínios: experiências de conhecimento; de desenvolvimento, trabalho e produção; de reconhecimento; de democracia; de comunicação e informação. Por fim, a fim de evitar uma teoria geral, o autor propõe a tradução como um processo “[...] capaz de criar uma inteligibilidade mútua entre experiências possíveis e disponíveis” (Santos, 2002, p. 239).

A refiguração do texto, através de um trabalho de tradução, consiste em uma produção crítica que traz à tona uma compreensão maior da sociedade, possibilitando repensar contextos para reinventá-los. Desse modo, não se trata de entender as outras formas de pensamento como alternativas, pois, dentro desse raciocínio, não há o deslocamento da centralidade da razão indolente. Cada saber, e esse é o que veicula a experiência, é uma epistemologia única em sua diversidade.

Por isso, Santos (2002), afirma que o processo de tradução baseia-se em uma hermenêutica diatópica, afinal implica em interpretar discursos de diferentes lugares, sendo o fechamento disciplinar uma das violências epistemológicas operadas pela razão indolente, uma vez que suprime a diversidade da experiência (contrai o presente) à realidade hegemônica, que opera na antecipação do futuro. Em seu texto, o autor nos traz um exemplo do *swadeshi*, mas podemos trazer outro bastante em voga no setor.

Há algum tempo, vem se difundindo, pela internet, várias palestras que têm por objetivo comunicar e instruir especialistas do setor em modos de funcionamento no pós-pandemia da COVID-19^{iv} – a partir de um olhar bastante voltado para a economia de mercado. É um debate que se insere em um “após”, quando o “durante” não está sendo avaliando. Essa é uma forma exemplar de como a racionalidade indolente funciona, com a sua antecipação do futuro, ignorando outros saberes e experiências. Isso acontece porque o pensamento racional ocidental moderno é orientado para o futuro, o progresso e o novo. Então, um momento que serviria para a desaceleração (do tempo e do consumo), visando uma reflexão crítica, sobre como estamos levando o mundo com o nosso estilo de vida, é “retomado” para o “progresso”.

Sobre isso, Krenak (2019, p. 12), afirma que: “Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania”. Conforme o autor, concordando com os escritos de Boaventura (2002), é preciso que a ecologia dos saberes integre a experiência cotidiana, uma experiência como comunidade.

Os diferentes territórios emanam uma diversidade de experiência que está sendo negligenciada. Krenak (2019) provoca-nos, então, a adiar o fim do mundo, contando uma nova história, isto é, devemos nos abrir a outros tipos de saberes e práticas culturais, pois cada comunidade fornece um rico material para contar uma história que adiaria o fim do mundo.

Conclusão

Ao longo do texto, apresentamos o desenho de um exercício teórico-metodológico capaz de desvelar os sentidos dos sujeitos. Partimos de uma reflexão preliminar a respeito do uso da teoria da tríplice mimese de Paul Ricoeur, que, através do seu arco hermenêutico, nos permite compreender o processo narrativo, pelo qual o discurso chega até o leitor e, a partir dele, a visão de mundo do sujeito se revela. Então, assim, torna-se necessário a busca por um sentido traduzido, capaz de conferir pluralidade e diversidade ao texto. Nessa dinâmica, indicamos, na mimese III, o processo de tradução elaborado por Santos (2002), como uma forma de interpretação que visa identificar as aporias, as aproximações e distanciamentos das práticas, de modo a identificar as possibilidades e os limites de articulação para a criação de zonas de contato entre os diferentes discursos e saberes.

Essa tradução contaria uma nova história, adicionaria a ela um novo parágrafo. Com esse objetivo, Santos (2002) estabelece seis caminhos para a reinvenção do presente: o que traduzir? Entre o quê? Quem traduz? Quando traduzir? Como traduzir? Com que objetivo? Esse exercício possibilitaria transformar os objetos de estudo impossíveis e invisíveis, a história do turismo, em objetos possíveis, moldando as ausências em presenças e, portanto, ampliando as experiências.

De modo a contribuir concretamente para o uso dessas teorias nas pesquisas de turismo, apontamos, como exemplo, a sua aplicação induzida por produções audiovisuais. A partir da teoria da narrativa, observamos que determinada produção pode ter um efeito de sentido provocador ao deslocamento turístico, mas é, a partir dos elementos prefigurativos (os elementos da sua história de vida), que os turistas vão gerar as suas ações sociais em torno de determinada produção. Nessa análise, cabe o processo de tradução a fim de perceber como as formas de poder estão inseridas no contexto, observando as práticas que unem e possibilitam esse tipo de deslocamento, e, também, aquelas que afastam e causam porosidades.

O passado possibilita uma visão retrospectiva, para que possamos reinventar o presente, ampliando as experiências disponíveis, cabendo o futuro apresentar-se com uma diversidade de experiências possíveis. Dessa maneira, concordamos com Pollak (1992, p. 211), que estamos diante de “[...] uma possibilidade, não de objetividade, mas de objetivação, que leva em conta a pluralidade das realidades e dos atos. Acredito que um discurso científico desse tipo é perfeitamente possível, nem que seja como projeto.”

Referências

- Almeida, Frederico Soares. (2013). A passagem da fenomenologia para a hermenêutica filosófica no pensamento de Paul Ricoeur. *Pensar - Revista Eletrônica da FAJE*, 4(2), 157-187. Recuperado de <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/2556>
- Araújo, Raniery Silva Guedes de & Godoy, Karla Estelita. (2016). O Turismo como fenômeno sociocultural: reflexões para além da atividade econômica. *Anais do Seminário da Associação Nacional de Pós-Graduação em Turismo*, São Paulo, SP, Brasil, 13. Recuperado de <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/472.pdf>
- Barbosa, Marinalva. (2006). O filósofo do sentido e a comunicação. *Conexão – Comunicação e Cultura*, 5(9), 139-149. Recuperado de <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/209/200>
- Barretto, Margarita. (2003). O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. *Horizonte Antropológico*, 9(20), 15-29. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000200002
- Bourdieu, Pierre. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Bertrand.
- Castañeda, A. E. A. (2015). La experiencia existencial como modo de interpretación del turismo. *Revista Hospitalidade*, 12(2), 586-599. Recuperado de <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/598/677>
- Enne, Ana Lúcia S. (2004). Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, 6(2), 101-116. Recuperado de <http://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/view/6594>
- Gaxiola, Napoleón Conde. (2008). ¿Es posible una teoría hermeneútica dialéctica em el estudio del turismo? *Teoría y Praxis*, 5, 197-211. Recuperado de <http://www.teoriaypraxis.uqroo.mx/doctos/Numero5/Conde.pdf>
- Halbwachs, Maurice. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- Krenak, Ailton. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Foucault, Michel. (2014). *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970 (24a ed). São Paulo: Edições Loyola.
- Lohmann, Guilherme & Panosso, Alexandre Netto. (2012). *Teoria do turismo: Modelos, conceitos e sistemas* (2a ed). São Paulo: Aleph.
- Oliveira, Ohana Boy. (2015). “O QUE O MUNDO SEPARA, O ESQUENTA! JUNTA?": como representações e mediações ambivalentes configuram múltiplos territórios. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, RJ, Brasil. Recuperado de https://130207df-6276-4373-bab9-9a84a3620549.filesusr.com/ugd/bba3f8_9731e350d5b64421a95b60ff8efd8655.pdf
- Panosso, Alexandre Netto & Nechar, Marcelino Castillo. (2014). Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 8(1), 120-144. Recuperado de <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/719>

- Pollak, Michael. (1989). Memória, Esquecimento e Silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15. Recuperado de http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf
- Pollak, Michael. (1992). Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200-212. Recuperado de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/108>
- Ricoeur, Paul. (1994). *Tempo e narrativa (tomo 1)*. Campinas: Papirus.
- Santos, Boaventura de Sousa. (2002). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 237-280. Recuperado de <https://journals.openedition.org/rccs/1285#quotation>
- Souza, Carolina & Moraes, Francilaine. (2019). Tríplice mimese de Ricoeur: modelo metodológico aplicado em narrativas sobre peregrinações. *Anais do Congresso Ibero-Americano de Investigação Qualitativa*, Lisboa, Portugal, 3. Recuperado de <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/1986>
- Velho, Gilberto. (1994). Memória, identidade e projeto. In: Velho, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. (pp. 97-105). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

ⁱ Los saberes turísticos consisten en la transmisión de conocimientos aptitudes y valores necesarios para entender las modalidades específicas del tiempo libre de cada clase social, así como los usos y funciones y las peculiaridades que adquiere, en una sociedad históricamente determinada. Son saberes vinculados con la relación existente entre el individuo, el ocio, la cultura y la sociedad, relacionados con los desplazamientos, movimientos, recepción y ubicación de masas humanas en un espacio o territorio específicos, en un tiempo concreto (Gaxiola, 2008, pp. 203-204).

ⁱⁱ Bajo este principio, la realidad puede compartir las dinámicas textuales en tanto que el mundo es representado a través del lenguaje, que es la expresión que condensa el sentido de todos los discursos que constituyen una comunidad. Así, develando el sentido del discurso puede comprenderse la realidad del mismo modo como se leería o se interpretaría cualquier texto (Castañeda, 2015, p. 587).

ⁱⁱⁱ As categorias da memória, identidade e projeto são usadas, neste texto, como recursos didáticos para tornar mais inteligível a teoria da narrativa de Ricoeur, tal como realizado por Oliveira (2015).

^{iv} Esse texto foi escrito durante o isolamento físico, causado por conta da COVID-19 – um vírus que, no Brasil, já matou mais de 160 mil pessoas. Não possuindo cura e nem um tratamento eficaz, cientificamente comprovado, o isolamento físico e o fechamento do comércio foram medidas adotadas por diversos governos do mundo.